



200

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA.  
**A INDÚSTRIA E O  
FUTURO DO BRASIL.**



Confederação Nacional da Indústria  
**PELO FUTURO DA INDÚSTRIA**



DESENVOLVIMENTO  
INDUSTRIAL,  
CIENTÍFICO &  
TECNOLÓGICO

# CAMINHOS PARA A REINDUSTRIALIZAÇÃO



## Dan Ioschpe

*Presidente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI). Integra o conselho deliberativo da Associação Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e os conselhos de administração das seguintes empresas: Ioschpe-Maxion, WEG, Cosan, Embraer e Marcopolo*

A contribuição da indústria para o avanço tecnológico – processos, equipamentos, matérias-primas e serviços – favorece o crescimento da produtividade geral da economia e o acesso da sociedade a novos bens e serviços. A indústria arrecada impostos em proporção superior à sua expressão no PIB, seja pela formalidade do setor ou pelo elevado valor agregado dos seus produtos e dos serviços embutidos. Precisamos que o setor cresça, mas, para isso, existem quatro condições essenciais para que possamos avançar. A primeira, e estamos enfrentando isso mais intensamente nos últimos tempos, é a tranquilidade institucional. A segunda é uma história já relativamente longa no Brasil: o equilíbrio macroeconômico, a partir de uma trajetória de ajuste fiscal ao longo do tempo. Em terceiro lugar, está o combate à histórica desigualdade social e, por fim, a sustentabilidade ambiental, uma agenda cada vez mais crescente.

Ajustadas as condições essenciais, temos de avançar na agenda da competitividade, que passa pela implementação de medidas fundamentais para o desenvolvimento da indústria e do país como um todo: realização de uma reforma tributária, focada na unificação dos impostos incidentes sobre o consumo de bens e serviços, em um nível nacional, isonômico, simples e abrangente, com tributação no destino e devolução rápida de créditos gerados no sistema; implementação de uma reforma administrativa focada na melhoria da prestação dos serviços ao público, na digitalização e na desburocratização, buscando redução do custo da máquina do Estado ao longo do tempo; aprofundamento da reforma trabalhista, até mesmo por causa do avanço constante e acelerado nas relações de trabalho; e redução paulatina da insegurança jurídica, em todos os campos, como na tributação, nas relações trabalhistas e nas demais áreas.

Vamos ter muita  
dificuldade se não  
enfrentarmos a agenda  
da competitividade  
e adotarmos o  
planejamento para  
avançar com rapidez e  
eficiência.

Outra questão relevante é o fomento eficiente à realização de pesquisa, desenvolvimento e inovação, com a imediata revisão da Lei do Bem, a maior disponibilização e o não contingenciamento de recursos para sistemas como a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial), a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e os diversos institutos de ciência e tecnologia existentes no país. É fundamental, também, que haja uma expansão acelerada da infraestrutura, a partir de concessões em setores como saneamento,

estradas, ferrovias, portos, aeroportos e conectividade. A participação efetiva do Estado nesse campo é necessária, preferencialmente por meio das parcerias público-privadas, nos projetos não viáveis do ponto de vista econômico, mas necessários do ponto de vista social. Da mesma forma, é preciso que se dê prioridade à participação do BNDES na aceleração dos projetos de infraestrutura, no fomento a pesquisa, desenvolvimento e inovação, notadamente em digitalização e sustentabilidade, e no avanço do comércio exterior, áreas em que a capacidade de aporte do banco é conhecida.

Finalmente, e não menos importante, é crucial que se busque uma maior integração do Brasil com o mundo, de forma continuada e incondicional, por meio de acordos comerciais graduais que sejam horizontais, sem setores ganhadores e perdedores, que respeitem o desafio da redução do Custo Brasil. A meta seria contar com uma cobertura de, ao menos, 80% do nosso comércio exterior sob acordos ao longo dos próximos anos, com amplo conhecimento público, para que as empresas e pessoas tomem suas decisões com a máxima antecedência. Nesse sentido, um grande avanço seria a implementação do acordo com a União Europeia, em que já se trabalha há duas décadas, e sua utilização como plataforma para futuros acordos com demais países e regiões.

Ainda nessa seara da inserção internacional, há a necessidade premente de ingresso efetivo do Brasil na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), para que possamos seguir sistemas e metodologias comprovadamente bem-sucedidos, evitando o processo de tentativa e erro que tanto tem nos caracterizado. Precisamos entender que essa visão nos possibilitaria uma aceleração do desenvolvimento socioeconômico do nosso país, ao mesmo tempo em que impulsionaria o crescimento da indústria, alavancando os demais setores e viabilizando avanços tecnológicos, o aumento da arrecadação de tributos, a geração e formalização de empregos com maior renda, uma melhor formação profissional e melhores condições de trabalho nas empresas.

## **AGENDA CERTA COM PLANEJAMENTO**

O fato de a nossa industrialização ser tardia em relação a outros países é menos relevante do que a dificuldade que o país teve em avançar a partir da década de 1980. No ciclo entre 1930 e 1980, o Brasil teve o maior crescimento econômico do mundo, puxado pelo setor industrial. Temos perdido os últimos 30 ou 40 anos tem, com certeza, maior relevância do que

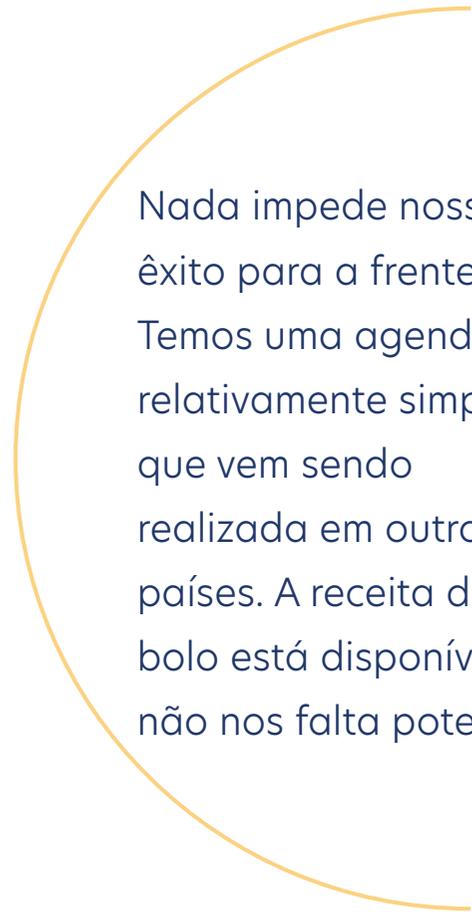
a tardia industrialização. Éramos, talvez, uma semi-China na época. O avanço da tecnologia, os recursos financeiros e humanos que se colocam hoje e a capacidade de processamento da tecnologia da informática – tudo isso em ritmo cada vez mais acelerado – reduziram a velocidade de nosso crescimento. Uma série de desacertos explicam por que não conseguimos manter o passo. A parte interessante é a possibilidade de retomarmos o passo, com uma agenda certa, conhecida e relativamente óbvia, que se some ao planejamento, mas isso exige, sobretudo, estabilidade política e econômica.

Atualmente, vivemos uma enorme instabilidade nesses dois campos, o que tem impossibilitado o desenvolvimento de ações e planos de médio e longo prazo. Isso tem um preço. Por exemplo: a China representa metade da produção e da demanda por mobilidade elétrica no mundo, uma nova tendência que está ocorrendo com velocidade cada vez maior. Os chineses não chegaram a essa condição por acaso: houve um planejamento que pensou no consumidor, na descarbonização, na poluição e na movimentação em centros urbanos. No caso chinês, essa eletrificação é feita à base de carvão. Imaginemos o nosso potencial se tivéssemos tido visão mais planificadora em anos anteriores para a nossa imensa capacidade para a economia verde!

Na China, mesmo sem a cadeia de descarbonização, a opção da mobilidade elétrica gerou escala para um novo padrão tecnológico e uma escala mais ampla de mercado, que induz a escala de produção. O resto do mundo terá que competir com essa circunstância chinesa. No lado americano, na Índia e em outros países há um enorme esforço público-privado, planejado para avançar e reduzir essa diferença com a China. Vamos ter muita dificuldade se não enfrentarmos a agenda da competitividade e adotarmos o planejamento para avançar com rapidez e eficiência.

Se não tivermos uma recuperação da indústria, mesmo que o PIB avance um pouco, a correlação com o dispêndio em PD&I (Pesquisa Desenvolvimento & Inovação) no Brasil não atingirá o patamar dos outros países. Estaremos transferindo o esforço de PD&I para ser realizado em outras nações, uma vez que são tecnologias habilitadoras, que devem estar próximas do processo, e têm casualidade estratégica. O elo estratégico para o fomento de pesquisa em inovação ocorre em países que têm maior preocupação com a segurança nacional, com a segurança alimentar ou com a segurança energética.

No Brasil, a indústria está declinando rapidamente em relação ao PIB, em um nível desproporcional, inclusive com economias desenvolvidas onde já houve enriquecimento da



Nada impede nosso êxito para a frente. Temos uma agenda relativamente simples, que vem sendo realizada em outros países. A receita do bolo está disponível e não nos falta potencial.

população média. Seria natural a redução da indústria em relação a serviços. Nos países desenvolvidos, essa participação está bem acima, ao redor de 18%, 20%. O encarecimento da força de trabalho, que é uma derivada do enriquecimento da própria economia, leva à redução da participação da indústria no PIB, como estamos vendo nos Estados Unidos e na China. No caso do Brasil, saímos do trilho antes da hora. Não estamos tendo enriquecimento proporcional aos outros países e tivemos um declínio forte. Se não conseguirmos maior vitalidade do tecido industrial,

casada com uma visão macroeconômica e estratégica das possibilidades do país, dificilmente sairemos dessa posição. Vamos minguar, com o PD&I em relação ao PIB, porque ele, certamente, será aplicado em outros lugares.

Nada impede nosso êxito para a frente. Temos uma agenda relativamente simples, que vem sendo realizada em outros países. A receita do bolo está disponível e não nos falta potencial. Se fizermos um planejamento melhor e a implementação certa das etapas, poderemos alcançar grandes avanços, especialmente nas áreas da contemporaneidade, como a descarbonização e a segurança alimentar, em que temos muitas vantagens comparativas. A única razão de não obtermos sucesso será nossa incapacidade de transformar potencialidades e recursos em resultados.

Estudos realizados pelo IEDI concluem que um dos nossos principais problemas foi o equívoco de não percebermos que o caminho exige política industrial e sintonia entre governo e empresas. Isso tem provocado a recusa – e, até mesmo, a proibição – de se tratar essas questões. Temos que apontar para a sociedade, empresas, governos, lideranças acadêmicas e demais líderes do país que existe um caminho a ser seguido e que ele não é complexo, mas requer planejamento, organização, constância. O país precisa se reinventar a cada momento, mas seguindo uma trilha lógica, já realizada por outros países que tiveram sucesso e nos mostram seus exemplos.

## PREVER E PLANEJAR

**Dan loschpe** nos dá importantes pistas sobre o roteiro que o Brasil precisa seguir para retomar o rumo da industrialização no século da economia global, baseada no conhecimento e comprometida com a sustentabilidade. O ambiente de qualquer política de industrialização para o futuro é composto por globalidade, conhecimento e sustentabilidade, mas esse triângulo exige confiança, que, por sua vez, requer estabilidade jurídica, população educada, sem pobreza, com boa distribuição de renda e segurança pública.

A indústria do futuro deve imbricar não apenas os demais subsetores industriais, mas também o conjunto da sociedade e a ecologia. É fundamental, ainda, que haja investimentos em educação de base e universitária, em pesquisa e desenvolvimento, além de segurança jurídica e do equilíbrio das finanças públicas.

Outra premissa crucial é prever e planejar, como fizeram Coreia do Sul e China. Esses dois países perceberam as oportunidades adiante e planejaram o uso dos recursos que tinham, para atingir as metas a que se propunham e tirar vantagem no mercado consumista que viria. Agora, é a vez o mercado por consumo de bens sustentáveis, especialmente os descarbonizados.

O Brasil tem mais recursos naturais e base tecnológica para isso do que muitos outros países. Assim como China e Coreia o fizeram, precisamos prever e planejar. Esse salto exige unidade de vontade e instinto nacional. Nosso problema não está na falta de ferramentas para derrubar a barreira estagnante, mas em conseguir caminhar no atoleiro político que dificulta coesão e rumo.

Cada país precisa do que os norte-americanos e ingleses chamam de “drive” – uma vontade, uma força motora. Para avançar, os países precisam de metas, como foi enfrentar a Alemanha e ganhar a 2ª Guerra ou mandar uma tripulação à Lua. O Brasil precisa encontrar seus “drives” em dois propósitos: sustentabilidade ambiental e desempobrecimento da população. Deve canalizar o potencial e o esforço de inovação na luta contra a pobreza e na busca de desenvolvimento sustentável. O desafio é planejar para transformar necessidades, potencial e recursos em soluções para a dinâmica econômica e o consequente crescimento com bem-estar.



Confederação Nacional da Indústria  
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA